

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

O Cultural e o Político no Coletivo Hip Hop Chama: um Papo Reto sobre Participação Política e Relações entre Universidade e Movimentos Sociais

The Cultural and the Political in the Collective Hip Hop Chama: a *Straight Chat* on Political Participation and Relationship between University and Social Movements

Claudia Mayorga¹

Manuela de Sousa Magalhães²

Cláudio Junio Patrício³

Daniel Antonio Gomes Cruz⁴

Suellen Guimarães Alves⁵

Resumo

Este artigo é fruto de pesquisa coletiva realizada pelo Programa Conexões de Saberes na UFMG sobre as mudanças na relação entre pesquisadores e os movimentos sociais com base na crítica à hierarquia de saberes. Realizamos uma pesquisa-intervenção junto ao Coletivo Hip Hop Chama, organização político-cultural voltada para ações educativas com a juventude da região metropolitana de Belo Horizonte. Analisamos as formas de organização e práticas do Coletivo e a construção de identidade coletiva de seus integrantes, a fim de contribuir para o entendimento das formas diversas de participação política. A atuação do grupo não pode ser apreendida se separarmos as instâncias da participação política da produção cultural. Na relação pesquisador/campo constatamos a persistência de uma hierarquia de saberes com predomínio da ciência e a invisibilidade das temáticas enfrentadas pelo Coletivo na Universidade e nas formas de produção de conhecimento.

Palavras-chave: juventude, Hip Hop, identidade coletiva, participação política, hierarquia de saberes.

Abstract

This article results from a collective research conducted by the “Programa Conexões de Saberes”, at the Federal University of Minas Gerais, about the relationship between researchers and social movements, based on the criticism of the hierarchy of knowledge. We conducted an action-research with the Coletivo Hip Hop Chama, a cultural-political organization that promotes culture and education for the youth in the metropolitan area of Belo Horizonte. We studied the organization and community practices of the Coletivo and the construction of the collective identity of its members, aiming to the understanding of the varied forms of political participation. The experience of the Coletivo points to the construction of a collective identity that rearranges the cultural and political dimensions of their political participation. The researcher–field relation reveals the persistence of a hierarchy of knowledge with the predominance of science, and the invisibility of issues faced by the Coletivo both at the University and in other sources of knowledge production.

Key words: youth, Hip Hop, collective identity, political participation, hierarchy of knowledge. .

¹ Doutora em Psicologia Social, Coordenadora do Programa Conexões de Saberes e Professora da UFMG. Contato: mayorga.claudia@gmail.com

² Coordenadora de eixo do Programa Conexões de Saberes – UFMG; mestre em Psicologia pela UFMG.

³ Bolsista do Programa Conexões de Saberes – UFMG; graduando em Psicologia na UFMG

⁴ Bolsista do Programa Conexões de Saberes – UFMG; graduando em Ciências Sociais na UFMG.

⁵ Bolsista do Programa Conexões de Saberes – UFMG; graduanda em Geografia na UFMG.

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

A produção acadêmica da modernidade ocidental tem se sustentado, segundo diversos autores (Santos, 2003; Haraway, 1995; Rosenmann, 2005), através de mecanismos hegemônicos de hierarquização e invisibilização de saberes que revelam, sobretudo, as bases coloniais das relações de poder na produção científica (Rosenmann, 2005). Neste artigo são apresentados resultados de uma pesquisa-intervenção realizada no âmbito do Programa Conexões de Saberes na UFMG que vem buscando problematizar e superar as formas como, na maior parte das vezes, a ciência moderna tem tratado os saberes produzidos em torno das formas de participação política, qual seja, através da invisibilização e da deslegitimação que se reitera em discursos que tratam os movimentos sociais ora como não-saberes ora como meras matérias-primas a serviço dessa ciência. Para isso, foi tomada como análise a relação de parceria estabelecida entre o Programa Conexões de Saberes e o Coletivo Hip Hop Chama – grupo de hip hop da cena de Belo Horizonte e Grande BH. A partir dessa parceria de pesquisa-intervenção elementos como a identidade coletiva e a relação do Coletivo com a Universidade puderam ser tomados como base para ação e como campo de reflexão acerca da relação entre pesquisadores/as e grupo pesquisado, as possibilidades de problematização da hierarquia de saberes e os caminhos para experimentar outras relações na produção de conhecimento.

O Programa Conexões de Saberes e a construção de um lugar enunciativo contra-hegemônico na produção de conhecimento

O Programa Conexões de Saberes vem acumulando ações e reflexões baseadas na interpelação das hierarquias engendradas na produção de conhecimento sobre o mundo e em como essas relações organizam as relações sociais entre sujeitos coletivos e entre saberes diferentes, de modo que a pluralidade de atores tem sido relegada à subalternidade e submetida à hegemonia do processo de produção de conhecimento e na sociedade de uma maneira geral⁶. Este trabalho está integrado a um dos eixos de atuação do Programa que trata da *Relação Universidade e Comunidade e Movimentos Sociais: tradução de saberes* e está em consonância com os

6 O Programa Conexões de Saberes está organizado em três eixos de atuação sendo que um deles trata da relação entre a Universidade e os movimentos sociais. Para outras informações sobre o Programa acessar: www.fafich.ufmg.br/conexoes

objetivos mais amplos do Programa de dar visibilidade a experiências sociais que são invisibilizadas no espaço acadêmico e na sociedade. Para isso, buscamos em nosso eixo de atuação problematizar a relação da Universidade e do saber acadêmico com outros saberes produzidos em movimentos sociais e/ou grupos sociais, a partir de uma prática de fortalecimento da trajetória social e acadêmica d@s bolsistas do Programa, e de valorização / visibilização de saberes produzidos em espaços sociais que não a universidade.

Nesse contexto, consideramos o debate sobre a relação pesquisador/a-pesquisado como central para a atuação no Programa e, nesse sentido, torna-se fundamental problematizar a inserção dos/as bolsistas que são negros/as de origem popular. A sua inserção junto aos movimentos sociais tem se pautado na construção de caminhos que buscam não reproduzir hierarquias e que possibilitem o diálogo entre as diferentes experiências, tanto dos movimentos quanto dos/as bolsistas e das lógicas de produção científica. Dessa forma, a trajetória e as vivências anteriores, tendo em vista a origem nas camadas populares dos/as bolsistas, apontam um lugar enunciativo diferenciado – considerando a maior parte dos/as pesquisadores/as em nosso país – que pode ser experimentado a partir da construção de outras lógicas não-hierarquizantes na produção de conhecimento.

Tendo em vista esses pressupostos e objetivos mais gerais do Programa é que se configurou a oportunidade de traçar um caminho de trabalho conjunto com o Coletivo Hip Hop Chama. Esse grupo é uma organização político-cultural que vem promovendo desde 2000 ações sociais e comunitárias junto à juventude de Belo Horizonte. A parceria mostrou-se interessante por vários motivos, sendo que um deles é fato de que o Coletivo coloca-se como uma rede de caráter aberto e dele participam pessoas do movimento hip hop⁷ ligadas aos quatro elementos⁸

7 Adotamos aqui a grafia hip hop (em minúsculo) ao nos referirmos ao movimento cultural de modo mais geral por ser uma forma já consagrada no meio. Ao nos referirmos a um grupo em específico, como no caso do Coletivo Hip Hop Chama, utilizaremos o termo em maiúsculo como recurso enfático.

8 A origem do hip hop relaciona-se à música negra norte-americana e ao movimento de manifestação contra o racismo e opressão no final dos anos 60 nos bairros periféricos de Nova York, nos Estados Unidos. No Brasil, o movimento Hip Hop inicia-se na cidade de São Paulo no final dos anos 70 e, assim como em Nova York, ele surge com a proposta de “contar uma realidade vivida pela população residente nas periferias da cidade” (Souza, 2006, p.1). O movimento hip hop, tomada como uma cultura,

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

(DJs, grafiteiros, grafiteiras, b-boys, b-girls e rappers), e também outros colaboradores que não estão ligados diretamente hip hop mas que são simpatizantes ao movimento. O Coletivo destaca-se ainda pelo esforço de criar formas de sociabilidade e participação política que privilegiem a horizontalidade e descentralização nas tomadas de decisão. Nesse sentido, o potencial de trabalho conjunto poderia apontar para uma aproximação às formas de participação política da juventude ao mesmo tempo em que colocava como centro do debate a problematização da hierarquia de saberes entre Universidade e movimentos sociais e por outro as possibilidades de tradução (Santos, 2003) que essa relação possibilitava. Além disso, ao adotarmos o caminho de discussão conjunta das ações da pesquisa-intervenção buscou-se produzir dados e produtos que fossem relevantes para a dinâmica do Coletivo Hip Hop Chama.

A parceria e a definição dos passos metodológicos: as etapas da tradução de saberes

A parceria estabelecida entre o Programa Conexões de Saberes e o Coletivo Hip Hop Chama apontou que a realização de um mapeamento da rede que compõe o Coletivo poderia ser um importante trabalho a ser realizado pelo Programa. Por outro lado, a oportunidade de levantar em quais comunidades os sujeitos estão atuando, quais atividades e temas estão desenvolvendo, discutindo e trabalhando faria coro para compreender e analisar a organização da rede do Coletivo e, portanto, as formas de participação política da juventude do hip hop. Segundo Aúrea Dejavuh, essa espécie de mensuração da rede, além de facilitar o acesso à mesma, poderia contribuir também para uma possível rearticulação de seus/as integrantes.

Com esse horizonte posto para o trabalho, foram privilegiados instrumentos qualitativos para percorrer o caminho metodológico da pesquisa-intervenção. Assim, a partir de uma lógica etnográfica⁹ de organização dos dados de pesquisa, foi possível

engloba elementos do rap (rhythm and poetry, ou seja, a música), do grafitti (a pintura) e do break (a dança) (Tella, 2006).

⁹ Estamos usando o termo 'lógica etnográfica' para deixar claro que o que estamos fazendo se difere de alguma maneira da etnografia tal e qual é desenvolvida em pesquisas de cunho antropológico. Isso porque o nosso trabalho pretende ter uma visão mais interdisciplinar devido à própria composição do quadro de bolsistas do Programa Conexões de Saberes. Particularmente, este trio é composto por três graduandos de cursos diferentes: Ciências Sociais, Geografia e Psicologia.

construir uma narrativa da experiência de diálogo entre os sujeitos participantes da mesma e os/as pesquisadores/as envolvidos/as. Dessa forma, o eixo central da organização metodológica esteve informado pelo conceito de *tradução*, tal qual foi desenvolvida na Antropologia Interpretativa (Geertz, 1978) e aproximando-a da Sociologia Cosmopolita das Ausências e Emergências (Santos, 2005). Estamos entendendo-a basicamente como uma reorganização mútua de categorias sociais, ou seja, entre os vários sujeitos que compõem a 'polifonia' (Silva, 2005) da situação de pesquisa, na perspectiva dialógica e ecológica entre saberes. Isso quer dizer que se compreende o trabalho de campo como um espaço de diálogo tenso e agonístico (Crapanzano, 1991) entre vários interlocutores sejam eles os sujeitos com o qual o/a pesquisador/a se encontra/confronta no campo, sejam eles os teóricos com os quais estabelecemos 'diálogos ocultos'. Um trabalho com enfoque etnográfico seria, portanto, um trabalho de edição e apropriação dessas multiplicidades de vozes, ou em outras palavras, uma interpretação de outras interpretações, assim como define Geertz (1978).

Santos (2003) trabalha a idéia de tradução como uma teoria emancipatória. Para ele, a teoria e a prática da tradução são capazes de fornecer elementos de articulação entre lutas diversas de modo que os sujeitos coletivos envolvidos possam encontrar um campo comum, uma 'zona de inteligibilidade mútua' entre suas lutas sem perder as especificidades de cada uma de suas causas. O exercício da tradução de práticas e de saberes é "fundamental para permitir a articulação entre recursos intelectuais e cognitivos diversos e de origem distinta que são articulados nos vários modos de produzir conhecimento sobre iniciativas e experiências contra-hegemônicas" (Santos, 2003, p.41). Trabalhamos assim, com essa concepção polissêmica do termo tradução tanto no nível metodológico e epistemológico quanto no nível das políticas e poéticas que envolvem o processo de construção do conhecimento.

Para colocar a termo o trabalho de tradução foram acionados como principais instrumentos metodológicos a observação participante (Silva, 2005; Brandão, 1984) em festas, eventos e reuniões com o Coletivo Hip Hop Chama com registro em diário de campo; análise documental de relatórios de atividades promovidos pelo grupo; e entrevistas semi-estruturadas e conversas informais com integrantes do Coletivo.

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

Outra estratégia metodológica acionada nesse percurso foi a realização de uma ‘oficina de tradução’ que buscou criar um espaço dialógico e de reflexão sobre os dados colhidos e analisados pelo Programa após quase um ano de inserção em campo, bem como possibilitar um momento de troca de experiências e saberes entre os bolsistas e o grupo de modo a reiterar o aspecto de construção conjunta da pesquisa. Baseados no modelo de oficinas psicossociais (Afonso et al., 2002), mas buscando trazer para a centralidade metodológica e epistemológica desse espaço a tradução de saberes, elegeu-se como tema central a Participação Política da Juventude, uma vez que esse debate poderia promover uma ‘zona de contato’ (Santos, 2005) entre os envolvidos. Os temas geradores foram definidos a partir de uma análise preliminar dos dados e ficaram delimitados da seguinte maneira: a (des)articulação do Coletivo; a construção da Identidade Coletiva; a relação com a Universidade. Essa oficina foi dividida em três momentos de acordo com as temáticas definidas. As dinâmicas pensadas abrangiam a construção conjunta de um mapa da Região Metropolitana de Belo Horizonte em que as pessoas se localizariam cartograficamente em relação a sua regional de origem e espaços políticos de atuação que ocupa. Além dessa atividade foi pensada uma dramatização que denominamos o “duelo do Nós/Eles” pretendíamos discutir a construção de identidade coletiva do grupo. Estava previsto também um terceiro momento em que, através de trechos de falas retirados das entrevistas que fizemos, conversaríamos com o grupo sobre a relação com a universidade/ saber científico e os integrantes do hip hop. A oficina precisou ser adaptada, pois no planejamento havíamos previsto um número maior de participantes do grupo. Como foi possível a presença de apenas um dos convidados/as, a oficina foi conduzida em forma de conversa, preservando o intuito de construir um espaço de tradução de saberes. Nela abordamos os temas acima descritos além de termos dado início ao mapeamento.

Sendo assim, o trabalho de tradução se configurou como um terreno epistemológico e metodológico para as atividades da pesquisa-intervenção que foram realizadas, e as ferramentas qualitativas acionadas serviram para que os sujeitos de pesquisa pudessem ser tomados no processo de interação.

Um pouco sobre Hip Hop e sobre o Coletivo Hip Hop Chama

Segundo Lima (2005), o hip hop é considerado como um movimento social juvenil por sua contestação social e política através de seus elementos artísticos (*rap, break, graffiti*) que garante visibilidade e, em alguma medida, cidadania aos jovens que dele participam. O hip hop é visto como uma ação coletiva que possibilita a jovens práticas, relações inter-pessoais e símbolos por meio dos quais eles podem criar espaços próprios que proporcionam uma referência na elaboração e vivência de sua condição juvenil.

Para Torres (2005), o hip hop pode ser definido como uma forma particular da cultura juvenil de periferia de se apropriar do espaço urbano e uma forma de “agir coletivo capaz de mobilizar jovens excluídos em torno de uma identidade compartilhada” (p.2). De acordo com a autora, que pesquisou o mundo do hip hop em Belo Horizonte e em São Paulo, a pertença ao mesmo está ligada de maneira mais fundamental à idéia compartilhada de *atitude*.

Assim ser integrante do hip hop é não somente compartilhar significados e códigos de um estilo subcultural, mas principalmente elaborar suas próprias mensagens a partir de um contexto específico de atuação, nas quais se expressam e se veiculam tais significados, princípios estruturantes dessa cultura, sua visão de mundo e seus conteúdos normativos. (Torres, 2005, p.3)

Deste modo, o hip hop além de seu caráter artístico, teria uma clara intenção (re)formadora da periferia, principalmente do segmento negro e juvenil através de suas mensagens que expressam a necessidade de uma conscientização política. O movimento hip hop para Souza (2006) “aponta no sentido de refletir sobre os processos causadores de problemas e desigualdades sociais” (p.3). O hip hop possuiria, então, uma dimensão estética e uma dimensão mobilizadora e estabelecadora de linhas políticas de ação e reação a agentes até então não reconhecidos. Uma vez incorporado por uma significativa parcela da juventude afro-descendente da periferia, o hip hop aparece como “instrumento de contestação e de construção de novas representações sobre a realidade social” (Tella, 2006, p.3). A expressão artística do hip hop, em sua performance, não pode ser entendida como separada de uma dimensão política contra-hegemônica. De fato, toda produção artística possui também uma dimensão

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

política devido à própria condição parcial de qualquer produção de saber, tal qual nos adverte Haraway (1995).

Esse caráter contestador e crítico do movimento hip hop dialogam com as histórias de vida dos bolsistas que integraram essa pesquisa-intervenção. Por mais que essas histórias possuam suas particularidades, também apresentam fatores de compartilhamento com a maioria dos sujeitos do Coletivo, tais como: a origem social popular, a faixa etária e a pertença étnico-racial negra baseada na ancestralidade africana. Esse compartilhamento não significa, necessariamente, o estabelecimento de uma identidade total com o grupo com o qual estamos estudando, mas sim o estabelecimento, como considera Haraway (1995), de “conexões parciais” dentro de um diálogo que não apaga os conflitos, as diferenças de posições (sociais, culturais etc.), mas que as problematiza a partir de lugares de fala marcados pelo contexto em que são produzidos. Entre nós há um compartilhamento de um projeto de transformação social, o que implica no estabelecimento de um elo e espaço possível de tradução de experiências.

O Coletivo Hip Hop Chama tem um histórico de atividades e participação política importantíssimo na cena hip hop de Belo Horizonte e vem participando, desde seu surgimento, dos diversos espaços de debate (institucionais ou não), principalmente, sobre juventude. Dentre as propostas políticas e objetivos gerais do Coletivo Hip Hop Chama, destaca-se a preocupação em suscitar no movimento hip hop discussões políticas e, desta forma, desenvolver mecanismos de formação que vão além do caráter puramente artístico. Seus integrantes entendem que deve haver um esforço de todo o movimento hip hop em não desvincular o fazer artístico e a atuação política. O Coletivo surge tendo como principal objetivo o fortalecimento da cultura hip hop em Belo Horizonte, mas com o amadurecimento do movimento e com sua atuação cada vez mais qualificada nos espaços políticos da cidade, começou a ampliar suas pautas e a incorporar novas bandeiras de luta. Desde 2005 vem atuando em três frentes principais: as questões de gênero, orientação sexual e redução de danos¹⁰.

10 A política de redução de danos trata sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas e as possibilidades de redução dos danos causados por elas.

O Coletivo Hip Hop Chama e os seus processos (des)articulatórios de construção da Identidade Coletiva

As teorias das identidades sociais e identidades coletivas sempre colocam a questão de que estas são construções sociais que se processam de maneira relacional entre as pessoas. Na antropologia e em outros campos das ciências sociais como a sociologia e a psicologia social elas ganham força a partir da década de 70 como alternativas epistemológicas aos modelos estruturais que não davam espaço para as agências e subjetividades na constituição e na mudança da sociedade (Canclini, 1997).

Nesse sentido, as identidades passam a ser compreendidas como processos duais que ao mesmo tempo constituem na interação social uma *identidade para si* e uma *identidade para o outro*. Ou seja, o estabelecimento de identidades implica num processo constante de negociação de sinais de (in)diferenciações sociais entre grupos, no estabelecimento de fronteiras NÓS - ELES (Prado, 2006). As identidades são, portanto, auto-atribuídas e socialmente legitimadas a partir de categorias sociais de marcação de distinções entre pessoas e nas palavras de Prado (2006) pode ser compreendida como:

um processo dinâmico de construção de práticas coletivas que criam um conjunto de significações interpretativas da estrutura e da hierarquia societal; além de, nesse processo dinâmico, serem estruturadas relações que criam e dão formas ao sentimento de pertencas grupais entre elementos que compartilham crenças e valores societais responsáveis pela criação de uma unidade grupal que se sustenta sobre a dinâmica da negociação, da comparação entre grupos e categorias sociais, através das relações de reciprocidade e reconhecimento. (p.200)

Entender como se processam as formações de identidades coletivas nos movimentos sociais colabora para escapar das definições substantivas dos mesmos, ou seja, é preciso deslocar as análises sobre os movimentos sociais entendendo-os não como um fim, mas sim, como um processo de ações coletivas, um meio que se expressa através de ações (Melucci, 1996).

É sobre essa compreensão que se sustenta a análise das formações de identidade coletiva que empreendemos neste estudo e como pode ser observado nos trechos seguintes retirados das entrevistas realizadas com o Coletivo Hip Hop

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

Chama fica evidente que um dos critérios de inclusão no grupo passa por uma adesão a uma série de princípios estético-políticos. Para Negro F.

O hip hop só se torna um critério se as pessoas estão contribuindo para o movimento. Uma coisa é a gente fazer uma parceria com a 'dança afro', mas a gente não vai desenvolver uma atividade de 'dança afro' a não ser se for uma oficina que tenha um cunho de casar 'dança afro' com 'break' por exemplo. A gente não vai fazer um 'pagode' do coletivo. A partir do momento que quem é produtor, simpatizante, escritor, qualquer pessoa que queira participar tem que entender que nossa causa maior é o hip hop. A gente faz do hip e para o hip hop. (Negro F. Em entrevista, 27/02/2008)

Para Lauana o principal critério de pertença é

o comprometimento com a cultura. Acho que o primeiro passo é esse. Tem que ter um comprometimento com a cultura hip hop e dentro de sua comunidade também, ser um jovem ativo. Participar das atividades dentro da cidade, participar dos eventos promovidos, debater, estar sempre presente nos debates. Acho que é isso, um jovem com visão política também. E que se não for, que a gente consiga dentro do Hip Hop Chama despertar isso, esse interesse. Porque tem muitos jovens no Coletivo Hip Hop Chama que entraram sem saber o quê que era, uma pessoa que ficava extremamente calada, não fazia nada, tudo que falava achava bom, só balançava a cabeça, não falava um 'a'. Mas que hoje é destaque. Falou pouco ou nada, mas tudo que escutou foi acúmulo, foi sugando, sugando, e hoje é 'ponta'. Gente que falava que não queria estudar mais e está dentro de faculdade, está pautando discussões de gênero nos espaços, está falando do Hip Hop Chama em tudo quanto é lugar que aparece. E hoje se eu sou o que eu sou, se eu tenho o que eu tenho hoje foi dentro do Coletivo Hip Hop Chama que deu essa formação, então tem isso também, as pessoas que já tem esse comprometimento com o hip hop e pessoas que não estão articuladas, mas que estão abertas a aprender e estar nesse processo de formação e que passa um tempo na linha de frente do Coletivo. (Lauana. Em entrevista, 29/03/2008)

O compartilhamento de valores e concepções em torno de uma proposta política é mais uma característica identitária forte do Coletivo Hip Hop Chama, uma vez que, com isso, eles estabelecem uma fronteira em relação a outros grupos no quais arte e política são tidas como instâncias separadas. Porém, não podemos perder de vista que em seus discursos apesar de andarem juntas, arte/cultura e política são

duas coisas que devem ser distintas no sentido de que há um entendimento de que a política não se restringe à expressão artística e seus conteúdos politizados, mas se refere aos momentos e espaços de deliberação, debate e participação política – compreendida nos moldes mais clássicos.

O Hip Hop Chama é um grupo, um coletivo de jovens que tem a idéia de formar um núcleo de formação política através do hip hop. Então o hip hop é só um instrumento que a gente usa pra trabalhar a questão da política, que entra várias áreas. É política cultural e política de várias áreas. E aí essa bandeira que a gente tem é essa: levar o hip hop em todas essas áreas onde há política: levar o hip hop porque acho que não dá pra andar separado arte de tudo, é levar a política junto com a arte. Então tem essa bandeira assim, mas a gente é a favor dos direitos humanos, da questão de gênero, sexualidade, direitos reprodutivos, e aí vem uma 'zaga'¹¹, mas a idéia do Coletivo é formar um núcleo de formação política de jovens de várias regiões de BH. (Lauana. Em entrevista, 29/03/2008).

Como pôde ser observado, a formação política do Coletivo é um dado importante e que dialoga com a própria expressão do hip hop nos diversos contextos sócio-espaciais em que ele surge. Para os sujeitos pertencentes ao movimento hip hop, principalmente na versão brasileira, os elementos que compõem a sua prática artística devem ser instrumentalizados nos termos da criação de uma denúncia social das condições subalternas em que às periferias, marcadamente no Brasil identificadas na categoria *morro*, se encontra em relação ao *asfalto*, ou seja, a cidade reconhecida e legitimada (Torres, 2005):

Uma das formas de compreender o hip hop é pensá-lo como instrumento coletivamente inventado em um contexto marcado pela violência, sendo uma forma de narrá-la, de refletir sobre ela, de denunciá-la e muitas vezes de propor soluções através da substituição da violência real pela violência retórica. (p.4)

De acordo com Gilroy (2001), a conscientização político-pedagógica é um dos alicerces básicos sobre os quais se erige a cultura hip hop. Além desse elemento, os dois outros são a afirmação e a brincadeira. Ou seja, ele não exclui o lúdico, o festivo o artístico da participação política:

A gente puxa através da arte, que é uma coisa dos integrantes. A gente puxa através da cultura, através

11 Nesse contexto significa que junto às idéias e bandeiras anteriores surgem muitas outras semelhantes.

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

dos quatro elementos. Porque é muito mais fácil você chamar um jovem através da cultura do que você falar com ele que vai discutir política com ele, discutir gênero, ele não quer nem saber, ele vai falar assim: "ah, minha filha, eu tenho mais o que fazer, vou ali soltar papagaio, vou jogar uma bola". Mas a pessoa quer dançar, quer uma oficina de dança, uma oficina de grafite, ela quer escutar um grupo de rap, ela quer aprender a rimar. Então a gente trabalha a partir disso, por isso que as nossas oficinas são também muito dinâmicas, a gente consegue falar de gênero, falar de machismo, sem falar de opressão, mas a gente consegue falar dentro do cotidiano das pessoas. Por exemplo, letras de rap dentro da vivência da pessoa, o que ela vive no seu dia-a-dia, e elevar isso pra música. Então nosso instrumento é a arte, a gente usa a arte como instrumento pra trazer essa pessoa pro nosso lado e entender qual que é a discussão, aí através da arte a gente insere a política. (Lauana. Em entrevista, 29/03/2008)

O Coletivo Hip Hop Chama de fato tem buscado acionar estratégias de aglutinação, de estabelecimento de laços de pertença e de ampliação dos debates pautados pelo grupo através de uma combinação criativa e crítica da arte e da política. Nesse sentido, compreendemos que a construção identitária do grupo vem sendo delineada pelos sentimentos, estratégias e articulações que decorrem da relação entre o lúdico, a arte e o debate e a política, ao mesmo tempo em que é possível perceber uma apropriação dessa relação de acordo com a cultura juvenil de periferia e do hip hop, bem como uma politização de esferas da vida e de temas que dificilmente poderiam ser pautados fora do eixo da arte.

Outro fator importante para compreender a construção da identidade coletiva do Coletivo Hip Hop Chama e que é um ponto muito atual para o grupo é contexto de uma possível (*des*)articulação do grupo. Como já apontamos anteriormente, a idéia de desarticulação do Coletivo está ligada à dificuldade de mobilização de seus integrantes para encontros específicos do grupo para tratar de questões sobre o rumo de suas ações em torno do Hip Hop Chama. Seguiremos a uma reflexão de como essa forma de compreensão do atual momento do Coletivo deve ser questionada e como podemos compreendê-la nos marcos do debate sobre a construção identitária do grupo e suas formas de organização e participação política.

Assim, é notório considerar questões apontadas pelos entrevistados da pesquisa como, por exemplo, o individualismo de alguns integrantes como uma das causas da dificuldade de encontro. No entanto, outros

fatores pareceram ter um peso maior na configuração desse quadro de *relativa desarticulação* do Coletivo. Um desses, é o fato de que alguns/as dos/as militantes que haviam abandonado os estudos, agora dividem seu tempo também com a escola ou faculdade, situação essa desencadeada pelo próprio processo de formação engendrado pelo Hip Hop Chama. Esse quadro não é visto, de modo algum, como desfavorável ao grupo, pelo contrário, seus/suas os/as integrantes entendem e apontam como uma conquista e fator de motivação para continuar desenvolvendo atividades e mobilizando-se politicamente o acesso e retorno aos espaços da educação formal pelos seus integrantes. Além desse retorno à escola e, em alguns casos, inserção nos espaços acadêmicos, o Coletivo proporcionou maior visibilidade para seus/as integrantes que vivem profissionalmente do hip hop, de modo que muitas dessas pessoas estão inseridas profissionalmente em trabalhos ligados ao hip hop. Num contexto onde a juventude compõe a porcentagem mais alta de desempregados deste país, vemos que se intensificam a busca por trabalho que, em geral, consomem grande parte do seu tempo. Esse contexto também acaba inviabilizando a reunião do grupo para fins deliberativos sobre o Hip Hop Chama.

Além disso, outro dado importante para contextualizar o debate e que aparece nas entrevistas realizadas, é que o histórico do Coletivo é marcado por períodos de atividades intensas em que o grupo se reúne bastante e por momentos em que os encontros específicos do grupo são escassos. Portanto, o atual momento de *relativa desarticulação* não é um elemento novo na dinâmica do grupo como pode-se observar no trecho de entrevista abaixo:

O Coletivo iniciou mais ou menos em 2000/2001, iniciou, mas parou. [...] Aí passou um tempo, de 2000 a 2003/2002 assim, aconteceu o 1º Hip Hop Chama. [...] foi na escola sindical, foram muitos jovens, tinha mais de 300 pessoas inscritas, com oficinas, aí foi um dia inteiro de atividades. Aí desse dia o Hip Hop Chama começou a reunir mais vezes, ter encontros periódicos e tal. [...] Aí passou isso o Hip Hop Chama começo a movimentar, mas parou de novo, ficou mais um tempo parado. Aí depois voltou com a idéia de um outro seminário. [...] Foi no Centro Cultural da UFMG e foi um dia inteiro, onde a gente se voltou pra profissionalização do hip hop como arte, dentro dos quatro elementos, questão de empreendimento, essas coisas mais empresariais, como a gente ia fazer pra fortalecer o hip hop dentro da cidade. [...] Aí depois desse evento a gente tinha mandado um projeto que era o Hip Hop Chama na Idéia e que já tinha sido aprovado e ia entrar no próximo ano, acho que é 2005,

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

sei lá, acho que foi. Um projeto que foi aprovado pela FASE aonde que a gente ia trabalhar políticas públicas da juventude. Aí o Hip Hop Chama deu um boom mesmo, a gente reunia todos os finais de semana, a gente tinha planejamento, ia pra algum sítio planejar nossas atividades. Então de meados de 2004 até 2006, o Hip Hop Chama tava a mil por hora, mil atividades, mil coisas acontecendo, se reunindo, sempre trabalhando e fomentando a política cultural dentro da cidade. [...] depois cada um foi pra alguma comunidade fazer a prática comunitária. O que a gente teve na formação a gente foi multiplicar em alguma comunidade. (Lauana. Em entrevista, 29/03/2008)

Além dessa alternância de períodos de reuniões e atividades intensas em torno do Hip Hop Chama e outros de maior dispersão dos/as integrantes, há ainda o fato de que era previsto pelo grupo um momento em que eles fossem trabalhar os temas abordados no período de formação interna (Redução de Danos, Diversidade Sexual e Gênero) nas comunidades, escolas e periferias de Belo Horizonte, ou seja, era previsto que houvesse um retorno qualificado às comunidades, retorno no sentido de *multiplicar* o que foi construído no Coletivo em termos de formação, só que agora em conjunto com as comunidades. Como fica explícito na fala anterior, estava embutida na forma de organização do Coletivo e nas estratégias de fortalecimento de seus integrantes, uma perspectiva de um trabalho de formação que pudesse ser seguida por atividades descentralizadas nas diversas comunidades e periferias dos integrantes do grupo.

Esse quadro de *desarticulação* foi um ponto marcante das conversas e dos encontros com os/as integrantes do Coletivo já nos primeiros contatos que tivemos com o grupo. Entretanto, pelo exposto, as atividades e as ações comunitárias desenvolvidas pelos integrantes não pararam de acontecer, muito pelo contrário. O que foi percebido durante a inserção em campo e nas entrevistas, é que a intensidade e a frequência dessas ações é que, em parte, tem inviabilizado a reunião do grupo para um *Encontro de Planejamento*¹². Por um lado, é a partir desse encontro que o grupo delibera ações em conjunto e pode avaliar sua atuação nas comunidades, além de ser um momento de socialização e um espaço em que seus/as integrantes podem se ver, conversar, trocar experiências e, é claro, ocupar-se com o fazer artístico e o lúdico entre amigos. O *Encontro de*

Planejamento é, portanto, entendido como um momento de grande importância para o grupo uma vez que nele tem sido centrada a idéia de construção de um sentido *coletivo* para as práticas de seus integrantes. É também um espaço importante para garantir a formação continuada dos sujeitos envolvidos, lembrando que a formação aparece sempre como prioridade na organização do Coletivo Hip Hop Chama. É nesse sentido em que se insere a importância atribuída ao *Encontro de Planejamento* e, portanto, é uma das questões mais fortes para que o grupo identifique o atual momento como desarticulação.

Por outro lado, vimos que a inviabilidade de promover um *Encontro de Planejamento* – em meio a tantas atividades distintas e simultâneas que cada sujeito do Coletivo se envolve – não significa que os/as integrantes não se mantenham informados e troquem experiências acerca das ações comunitárias que vêm ocorrendo com grande intensidade pela região metropolitana de Belo Horizonte. Vimos que os momentos de festa são também espaços de articulação política entre esses sujeitos. Mesmo privilegiando um momento específico de deliberação e debate – o *Encontro de Planejamento* – eles/as conseguem promover um intercâmbio de informações, experiências, sentimentos e também intervir politicamente juntos, simultaneamente ao lúdico e ao festivo, que representam um espaço importante de afirmação de uma identidade coletiva do grupo. Nesse sentido, as ações comunitárias realizadas pelos/as integrantes dialogam diretamente com os princípios e objetivos gerais do Coletivo Hip Hop Chama e as bandeiras e temas levantados no período de formação estão sendo multiplicados pelas comunidades e periferias da Grande Belo Horizonte.

Durante a Oficina de Tradução, problematizamos a idéia da desarticulação e debatemos em torno do significado do termo utilizado para caracterizar o atual momento do Coletivo, e propomos chamar de (des)articulação, buscando não só relativizar a questão, mas principalmente apontar e compreender para a um movimento de articulação-desarticulação que deveria ser analisado no contexto de organização e de construção identitária do Coletivo. Para Marcão¹³ há, de fato, uma certa desarticulação porque

12 O *Encontro de Planejamento* é um momento privilegiado pelo grupo para avaliar atividades desenvolvidas ou em andamento e também pensar estratégias e ações futuras em conjunto.

13 Marcão, além de integrante do Coletivo Hip Hop Chama, é MC e trabalha com produção áudio-visual e musical.

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

o momento de encontro e deliberação é muito importante para o grupo, como já abordado anteriormente. No entanto, ele também concorda quando colocamos que o termo desarticulação remete à desmobilização e, até mesmo a certa apatia política, o que nem de longe parece ser o caso dos militantes do Coletivo que continuam envolvidos em ações sócio-culturais diversas.

Em muitos momentos da pesquisa nos perguntamos se, participando das diversas atividades que os integrantes do grupo participam, estamos nos envolvendo com o Coletivo propriamente dito ou com atividades individuais de seus/as integrantes isoladamente. Sentimos que talvez não estivéssemos acessando o Coletivo como uma totalidade, mas fragmentos dele. Nesse sentido, a ausência de uma sede, de um espaço físico e de pessoas com cargos burocráticos determinados talvez tenham aumentado nossa angústia em relação ao campo. Esses momentos remetiam a uma frase de Áurea Dejvuh no nosso primeiro encontro com parte do grupo: *o Hip Hop Chama é, antes de tudo, um sentimento*. Na tentativa de compreender o atual momento do Coletivo, entendemos que incorporar a percepção de desarticulação à pesquisa, quando de fato percebíamos nas atividades de campo uma grande efervescência de ações políticas promovidas por esses sujeitos, seria reproduzir um *desperdício de experiências* (Santos, 2005). Seria, sobretudo, não nos atentar para a complexidade que as formas de participação da atualidade e nesse caso, da juventude negra e de periferia apresentam no sentido de suas re-configurações, estratégias e formas de mobilização que devem ser re-pensadas em modelos que considerem as dinâmicas e necessidades e contextos sociais, culturais, econômicos e políticos de seus integrantes.

Diante disso, percebemos que acessar o Coletivo Hip Hop Chama, sua forma de atuação e a mobilização de seus/as integrantes em torno de objetivos comuns demandou e ainda demanda um esforço de tentar apreender esse *sentimento* do qual nos fala Áurea, e é nesse movimento que localizamos a análise realizada acerca da construção identitária do Coletivo. Outros elementos, que abordaremos a seguir, também colaboraram para analisarmos a experiência dessa pesquisa-intervenção de modo que pudéssemos visibilizar as dinâmicas do Coletivo Hip Hop Chama, bem como, repensar a relação entre Universidade e Movimentos Sociais.

Relação com a Universidade e o saber técnico-científico

As Ciências Sociais, ao tomar o fenômeno da emergência de movimentos sociais, têm tratado a experiência destes agentes enquanto objeto de estudo privilegiado para refletir academicamente a respeito das formas de sociabilidade e participação políticas que estão à margem do processo democrático institucional. Os movimentos sociais foram, dessa forma, classicamente categorizados pelos cientistas sociais como uma forma de atores subalternizados, e que assim se reconhecem na lógica de distribuição do poder e que se mobilizam para que suas causas e lutas pelo acesso e pela invenção de direitos façam parte da agenda política pública e da transformação da cultura política.

O termo movimentos sociais diz respeito aos processos não institucionalizados e aos grupos que os desencadeiam, às lutas políticas, às organizações e discursos dos líderes e seguidores que se formaram com a finalidade de mudar, de modo freqüentemente radical, a distribuição vigente das recompensas e sanções sociais, as formas de interação individual e os grandes ideais culturais (Alexander, 1998, p.1).

Segundo Alvarez; Dagnino e Escobar (2000), os movimentos sociais se comportam como

arenas políticas nas quais os sujeitos coletivos se constituem como interlocutores válidos e nas quais os direitos estruturam uma linguagem pública que baliza os critérios pelos quais demandas coletivas são problematizadas e avaliadas nas suas exigências de equidade e justiça. (p. 106)

De acordo com Alexander (1998), a ação política destes sujeitos tem sido considerada como um importante mecanismo de atuação na construção de uma democracia mais participativa em que os processos decisórios não ficam restritos ao Estado composto pelos representantes eleitos pelo voto direto. Os movimentos sociais passaram a ser compreendidos a partir da categoria de sociedade civil sendo, por alguns teóricos, considerados inclusive como a tradução desta.

Entretanto, ao tratar da dinâmica dos movimentos sociais, a academia tem, na maioria das vezes, ressaltado seu espaço de poder enquanto pesquisadores frente a seus *objetos* de análise e, deste modo, praticando uma segunda espoliação do poder de autonomia destes sujeitos já excluídos dos processos legitimados de participação da esfera

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

pública ou subalternizados dentro desses processos. A separação entre o sujeito de saber e conhecimento (o pesquisador) e seus objetos de estudo (os pesquisados) bem como a tentativa de garantir a legitimidade da pesquisa pelo discurso da objetividade desinteressada e, supostamente, politicamente neutra fez com que, historicamente, a troca entre os dois sujeitos coletivos tenha se banalizado. Assim a relação entre os sujeitos numa pesquisa tende a se caracterizar não pela reciprocidade e pelo diálogo, mas sim por uma lógica que privilegia o pesquisador que representa a *voz do excluído*, sem problematizar o fato destes mesmos não terem acesso aos mecanismos de se auto-representarem, numa dinâmica que recoloca os movimentos sociais no lugar inferior na hierarquia de saberes e poderes.

Ao falar pelos sujeitos da pesquisa e na ausência dos mesmos, os pesquisadores acabaram por, na maioria dos casos, legitimar e reproduzir epistemologicamente a dominação e subalternidade econômica, racial e de gênero, por exemplo. Além de promoverem uma redução normativa dentro de categorias analíticas que não levam em conta as definições dos próprios sujeitos sobre suas ações e sobre a política de um modo mais amplo.

O que se pode perceber a partir dessa constatação é que a relação entre os pesquisadores e os movimentos sociais sofreu ao longo do tempo um desgaste que culminou em duas grandes conseqüências: em primeiro lugar percebemos que os movimentos sociais estão cada vez mais restringindo o acesso de pesquisadores que não se impliquem politicamente em suas causas e, por outro lado, estes movimentos têm se apropriado de um aparato técnico, científico e conceitual, antes entendido como exclusividade da cultura científica, e os têm instrumentalizado nas apresentações e negociações de suas reivindicações, entre outras estratégias de luta e de inserção no mundo público (Santos, 2005).

A princípio, a relação do Coletivo Hip Hop Chama com a Universidade nos pareceu, através de entrevistas e conversas, como uma relação muito positiva marcada pela troca de saberes e experiências. Além disso, a Universidade aparece como um espaço de crescimento pessoal importante para os integrantes que conseguem esse acesso. É uma possibilidade de ampliar horizontes no sentido de qualificar o discurso do grupo.

Buscando entender mais e melhor sobre essa relação do grupo com a Universidade, problematizamos a questão durante o desenrolar da

pesquisa e de forma mais específica durante a Oficina de Tradução. Se o que caracteriza essa relação, segundo alguns de seus integrantes, é a *troca* qual seria então a contribuição ou contrapartida do grupo, ou seja, no que implica a presença de seus integrantes no espaço acadêmico? Eles conseguem pautar suas bandeiras de luta nos debates acadêmicos? Conseguem dar visibilidade às suas experiências de participação política e militância? Conseguem romper com algumas lógicas de silenciamento e hierarquias ou, em outras palavras, a Universidade apresenta-se permeável e aberta ao diálogo com esses sujeitos de saberes?

De uma maneira geral, a resposta foi negativa para tais questões. De fato, há uma tensão gerada a partir da presença desses militantes na universidade em que seus discursos são, quase sempre, deslegitimados. Como afirma Marcão, “*se não tiver um bom discurso eles passam por cima*” (Marcão. Em entrevista, dia 30/05/2008).

Vemos que esses sujeitos e atores coletivos ainda têm suas experiências e vozes silenciadas se tomarmos como referência as lógicas institucionais de produção de conhecimento na academia. Nosso trabalho no Programa Conexões de Saberes tem apontado como dos movimentos sociais emanam saberes, formas de organização, objetivos, estratégias, discursos, práticas e visões de mundo que, por um processo de diferenciação hierarquizada na produção de conhecimento, continuam sendo deslegitimados, silenciados e invisibilizados.

Ao mesmo tempo em que são procurados por pesquisadores/as e despertam o interesse da academia (os integrantes do Coletivo são recorrentemente solicitados a palestrar, responder pesquisas, entre outros), estes atores sociais quando vão para a universidade, como estudantes, “*incomodam bastante*”. Além disso, apontam que a relação com as pesquisas ainda segue modelos tradicionais em que o pesquisador toma o conhecimento do movimento como mera *matéria-prima*, geralmente não devolve os dados ao grupo e não se propõe a conviver com o mesmo. Quando consideramos que as relações de poder colonizadoras que se sedimentaram com a práxis científica, principalmente no âmbito das ciências sociais e humanas, podem ser traduzidas na idéia de que o pesquisador é o sujeito e o pesquisado é o objeto a ser conhecido (Quijano, xxxx; Rosemann, 2005; Haraway, 1995), podemos localizar e analisar as relações estabelecidas entre movimentos sociais e a Universidade. Neste modelo, o objeto está subordinado e deve fornecer saberes e memórias,

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

enquanto a ciência se resguarda numa posição de distanciamento e imparcialidade. Nessa relação hierárquica, desconsidera-se que “a relação é entre sujeitos e não entre um sujeito e um objeto” (Santos, 2000, p. 22).

Diante do exposto, vale salientar que nossa equipe vem analisando os elementos da interação entre pesquisador e campo como pontos nodais para compreender como se estruturam as lógicas de hierarquização entre saberes e como parte fundamental para orientar nossas ações e nossas reflexões durante a pesquisa-intervenção. De fato, a Universidade parece ter incorporado em suas práticas de pesquisa e de extensão formas de agir e de se posicionar diante da sociedade que deslegitimavam/deslegitimam os atores de suas próprias falas e experiências, além de manter na invisibilidade diversos desses temas com os quais temos trabalhado.

Por outro lado, a não-existência e subalternização que os grupos e os/as bolsistas do Programa experimentam têm permitido que haja um reconhecimento mútuo entre eles capaz de explicitar tensões e diferenças, mas também, e talvez principalmente, construir unidades de resistência e de partilhamento de valores que são fundamentais na construção identitária dos grupos e dos/as pesquisadores/as. Se pelo lado dos movimentos há um reconhecimento da importância da trajetória dos/as bolsistas para se estabelecer relações produtivas com a academia e se é essa a porta de entrada para um espaço que, historicamente, os deslegitimou; por outro lado, temos experimentado formas de fazer ciência a partir de saberes localizados (Haraway, 1995), buscando resgatar uma ciência que tenha no horizonte de sua prática a construção de uma sociedade mais justa (Santos, 2003).

Considerações finais: o Cultural e o Político no Coletivo Hip Hop Chama e as relações com a universidade

Ao contrário de uma visão muito difundida de que a juventude é politicamente desmobilizada, a pesquisa com o Coletivo Hip Hop Chama tem demonstrado que as formas de participação da juventude atuais são muito diversificadas e que as articulações entre os espaços de lutas políticas bem como os instrumentos nestas utilizados passam por dinâmicas que para um olhar desatento e/ou conservador parecem não existir.

Assim, consideramos a experiência do Coletivo

Hip Hop Chama particularmente interessante uma vez que na relação entre cultura/arte e política cada uma dessas instâncias é pensada pelo grupo como inseparáveis. A arte para eles não é vista como algo com um fim em si mesmo, mas sim um instrumento de luta política.

Deste modo, o estabelecimento de redes de sociabilidade e cooperação (Magnani & Torres 1996; Magnani 2002) em que novas experiências societárias são construídas, pode ser entendido como ponto-chave para o desmonte de discursos elaborados por estas correntes pessimistas em relações às dinâmicas sociais contemporâneas que entendem espaço urbano simplesmente como um lugar marcado por individualidades, rupturas de laços sociais, afastamento dos sujeitos de suas comunidades e grupos de origem, desagregação das pessoas e enfraquecimento do tecido social. Não queremos com isso dizer que estas características não marquem, em alguma medida, esse espaço urbano e a sociedade de uma maneira geral, mas entendemos que os processos de individuação e coletividade andam juntos. É preciso ponderar tais perspectivas e destacar que a atuação de agentes de transformação da realidade urbana vem criando novas formas sociabilidades e mostrando suas múltiplas atuações e estratégias de enfrentamento das opressões por eles sofridas.

A idéia de desmobilização da juventude se sustenta a partir de uma visão *adultocêntrica* constituída pela cultura política da racionalidade moderna que concebe a política como um exercício que exclui as outras esferas da vida social bem como as afetividades e diversidades de pertencimentos coletivos. Ela é excludente ao postular que o exercício da política deve ser conduzido por um indivíduo racional e supostamente neutro em espaços formais de deliberação e tomada de decisões, ou seja, as associações, os partidos políticos e os órgãos representativos. Assim, ela é baseada no consenso e como argumenta Mouffe (1996) ao centrar-se no consenso essa visão da política exclui o elemento que deve ser constitutivo de um projeto de democracia em sua radicalidade, a saber, o seu caráter agonístico¹⁴.

A cultura hip hop, como expressão estético-política da juventude majoritariamente negra e urbana, não exclui, portanto, o festivo e o lúdico do político (Gilroy, 2001). É na própria festa e nas performances em que ocorre grande parte da

14 O termo agonístico refere-se a uma visão das relações humanas em que o conflito é visto como elemento estruturante das mesmas (Mouffe, 2005).

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

movimentação política desses agentes, reforço da identidade política através de processos intersubjetivos de reconhecimento e dramatização das formas de opressão as quais os envolvidos compartilham, entre outros fatores. Por outro lado, apenas a politização da atividade artística não é vista por alguns de seus envolvidos como suficiente e, nesse sentido, essa politização não funcionaria como medida de redistribuição de recursos simbólicos materiais e não-materiais. Essa última postura é bem declarada entre os/as integrantes do Coletivo Hip Hop Chama.

Em relação às parcerias com a universidade, é preciso pensar, por exemplo, se elas não podem encobrir certas hierarquias de saberes entre o científico e o militante, apesar dos relatos de as experiências de parceria que o grupo relata com a universidade serem marcadas pela positividade. No entanto, pudemos observar quando problematizamos a relação do grupo com a Universidade na Oficina de Tradução, que permanecem as mesmas lógicas de invisibilidade e silenciamento quando tomamos a estrutura de produção de conhecimento e os impactos que outros saberes têm nessa produção e na instituição. Nesse sentido, consideramos que a academia permanece, na maior parte das vezes, impermeável aos saberes e experiências esses sujeitos mesmo quando alguns deles estão presentes nos bancos escolares destas instituições.

Para Haraway (1995), a ciência só pode se construir sem destruir outras formas de ver o mundo a partir do momento que localiza o lugar de onde fala e produz conhecimento, e apenas dessa forma, consegue-se objetividade. Para essa autora, a objetividade “trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver” (p. 21). Assim, localizarmos o lugar de onde o Programa fala, de onde bolsistas e grupos falam nos parece fundamental, e em acordo com a autora, para que o conhecimento produzido ganhe corporeidade, pois dessa forma, empreendemos também uma análise de como funcionam os sistemas utilizados para ver o mundo dos pontos de vista psíquico, social e técnico (Haraway, 1995). Nós acrescentaríamos que se faz necessário, tão importante quanto estes outros sistemas, somar o ponto de vista político como um caminho importante para pautar a discussão das relações de poder na construção do conhecimento.

Nesse contexto, foi fundamental a análise da relação entre pesquisador e grupo para que pudessem

ser engendradas reflexões do lugar de fala dos/as bolsistas não só como aqueles da universidade, mas da periferia, negros e jovens. Dessa forma, ao tomar a experiência da tensão entre pesquisador e campo pesquisado como caminho analítico das formas de hierarquização, enfrentamos e refletimos sobre os conflitos que são gerados diante de formas de conhecer, perceber e intervir no mundo, o que tem possibilitado analisar como os saberes inferiorizados, sejam eles dos próprios bolsistas quanto dos atores sociais com os quais temos trabalhado, denunciam formas de opressão e formas de participar do mundo público que não compartilham de determinadas lógicas hegemônicas. Esse encontro não acontece sem transformações, sem emoção e sem reflexão sobre a própria prática da ciência, sobre a própria maneira como bolsistas, grupos e coordenação analisam a sua experiência, sobre a forma como se posicionam no mundo, como nos unimos, como nos construímos iguais e diferentes.

Além disso, vimos, também, nos discursos e práticas do Coletivo Hip Hop Chama a necessidade de estabelecer um novo padrão de sociabilidade entre as pessoas, baseada em uma noção de horizontalidade. Constantemente, termos com grande poder simbólico de mudança tais como autogestão e empoderamento são utilizados na tentativa de bloquear o surgimento ou a permanência de desigualdades de direitos. Além dos debates e denúncias mais tradicionais no movimento hip hop, ou seja, aqueles que se referem ao racismo e os embates de classe, o Coletivo Hip Hop Chama tem desenvolvido, sem abandonar os anteriores, estratégias diversas como oficinas, seminários e encontros para pensar também as questões colocadas pelo feminismo a respeito das opressões e desigualdades de gênero e as questões colocadas pelos movimentos de defesa da livre orientação sexual. As dificuldades de articulação de uma ação conjunta parecem vir muito mais de um problema de conciliação das múltiplas atividades em que os mesmos se vêem envolvidos nas várias esferas da vida social (família, trabalho, escola, faculdade) do que uma falta de interesse na participação política. E nesse sentido, seria necessário incorporar aos estudos sobre as formas de participação política as especificidades que atravessam as vivências da juventude nos seus esforços de se organizar cultural e politicamente, aliando a sobrevivência e a construção de trajetórias de vida pessoais.

Ao finalizar esse texto, fruto de uma parceria em andamento, gostaríamos de deixar que as palavras de

Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais

Negro F. resumam o que pensamos sobre como deve ser a relação pesquisador/pesquisado e qual a importância de um trabalho baseado em processos verdadeiramente tradutórios entre pesquisadores e pesquisados. Isso não por uma questão de *bonomia*, ou seja, de sermos politicamente corretos, mas pelas próprias condições atuais de enunciação e de construção de conhecimento científico ou não.

Eu vejo pelos dois lados. Uma coisa é quando o hip hop é objeto de pesquisa para uma coisa que seja fomentada e aí o contrário eu acho quando as pessoas tratam o hip hop simplesmente como se fosse um rato de laboratório. Exemplo disso, fim de ano agora eu respondi uns quatro e-mails de pesquisa de faculdade de neguinho doido, desesperado porque precisava entregar o negócio no outro dia e não tinha tempo de vir aqui, queria saber o que era NUC, o que era Hip Hop Chama, o que era hip hop em BH. Por um lado, a gente até entende a vida de todo mundo, mas eu acho que fica negativo porque as pessoas não vêm entender na base, na prática. Diferente é a gente conversar olho a olho, de perto, a gente ter acesso a comunidade, as coisas que estão acontecendo, ir nas atividades, do que ficar no achismo e no virtual. Hoje você vai achar o que é hip hop de várias fontes de várias línguas do mundo. Uma coisa diferente é, e aí voltando numa coisa bem breve, como é que uma pessoa diz que é do hip hop? Ninguém ganha selo. As pessoas se tornam hip hop. Elas fazem parte ou não. Não só pelo fato de eu estar cantando quer dizer que eu sou do hip hop. Então eu penso que a pessoa para saber o que é a nossa cultura, tem que estar no dia-a-dia. Tem que conviver com a gente, viver as dificuldades e as alegrias. Aí com certeza as pessoas que também querem transformar o mundo, ver o mundo melhor, acreditar naquilo tudo que a gente sonha junto, ela também vai ser hip hop.. (Negro F. Em entrevista dia 27/02/2008)

Referências

- Afonso, M. L. et al. (2002). *Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social.
- Alexander, J. C. (1998). Ação coletiva, cultura e sociedade civil: secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(37). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269091998000200001&lng=en&nrn=iso>. Acesso em: 03 Dez. 2007.
- Alvarez, S. E., Dagnino, E. & Escobar, A. (2000). O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos. In *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos*. Belo Horizonte: UFMG.
- Brandão, C. R. (org.) (1984). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Canclini, N. G. (1997). *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Crapanzano, V. (1991). "Diálogo". *Anuário Antropológico, 1988*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.
- Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gilroy, P. (2001). *O atlântico negro - modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In *Cadernos Pagu*.
- Lima, M. S. de. (2005). *Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap*. Dissertação apresentada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas
- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas sobre uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 11-29.
- Magnani, J. G. C. e Torres, L. de L. (orgs.) (1996). *Na metrópole. Texto de antropologia Urbana*. São Paulo: Editora Usp.
- Melucci, A. (1996). Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Young*, 4(2). Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_03_ALBERTO_MELUCCI.pdf Acesso em: 03 de dezembro.
- Mouffe, C. (1996). Feminismo, cidadania e política democrática radical. In *O regresso do político*. Lisboa: Gradiva.
- Prado, M. A. M. (2006). Movimentos Sociais em Massa. Identidades Coletivas no espaço público contemporâneo. In *Mídia, esfera pública e Identidades Coletivas*. Belo Horizonte: Editora UfmG.
- Rosenmann, M. R. (2005) Conflito e crise no pensamento social latino-americano. In R. Leher & M. Setubal (orgs.), *Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis* (pp. 141-155). São Paulo: Cortez.
- Santos, B. de S. (2005). *O Fórum Social Mundial: manual de uso*. São Paulo: Cortez.
- Santos, B. de S. (2003). Introdução: Para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da

- Mayorga, C.; Magalhães, M. de S.; Patrício, C. J.; Cruz, D. A. G.; Alves, S. G.. O cultural e o político no Coletivo Hip Hop Chama: um papo reto sobre participação política e relações entre universidade e movimentos sociais igualdade. In B. de S. Santos (org.), *Reconhecer para libertar - caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Editora Civilização brasileira.
- Santos, B. de S. (2000). *A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.
- Silva, V. G. da. (2005). Entre a poesia e o raio x: uma introdução á tendência pós-moderna na antropologia. In J. Guinsburg & A. M. Barbosa (orgs.), *Pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Souza, Á. M. de. (2006). *A globalização do movimento hip-hop: estabelecendo relações de consumo e gênero*. Retirado de: www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Angela_Maria_de_Souza_43.pdf.
- Tella, M. A. P. (2006). Reação ao estigma: o rap em São Paulo. In *Revista Enfoques*, 5. Rio de Janeiro. Retirado de : <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/marco06/pdfs/marcodoc06-02.pdf>
- Torres, J. (2005). *Movimento Hip Hop como cultura política expressiva [manuscrito]: fluxos simbólicos e re-significações locais*. Dissertação apresentada ao departamento de pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFMG.

Categoria de contribuição: Relato de Pesquisa
Recebido: 01/09/2008
Aceito:30/09/2008